

FAZENDO GÊNERO

ANO V Nº12 NOVEMBRO /2001 A FEVEREIRO /2002

RAÇA e GÊNERO

o debate deve continuar

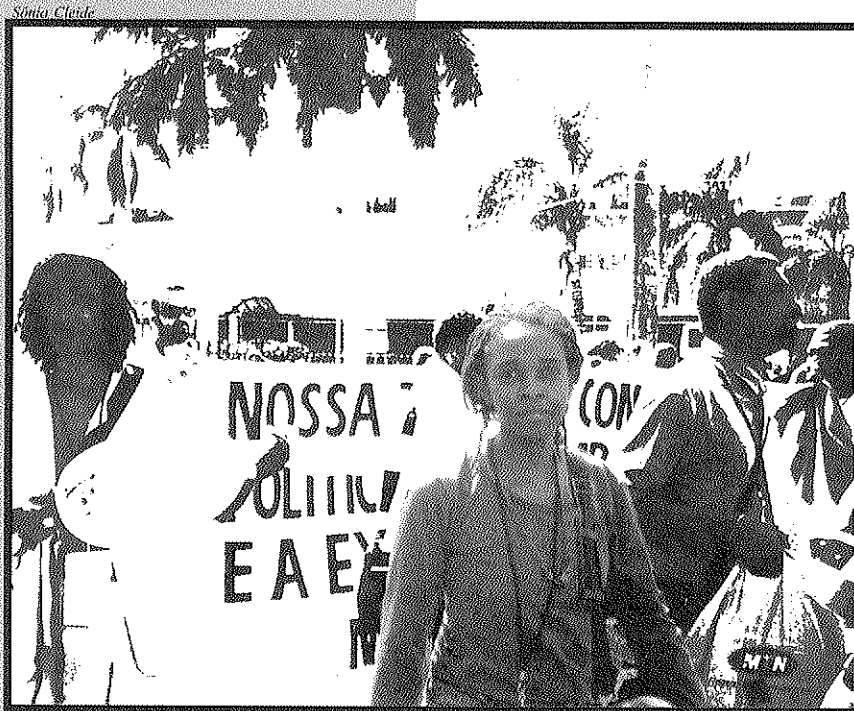
Reconhecer o racismo é o primeiro passo para combatê-lo. É preciso falar, discutir, debater sobre essa forma de discriminação para encontrarmos meios de impedir sua reprodução e reparar suas conseqüências. Para falar alto e em bom tom sobre racismo com enfoque de gênero, o Grupo Transas do Corpo promoveu o Seminário *Gênero, Educação e Pobreza*, nos dias 23, 24 e 25 de agosto último. O seminário buscou sensibilizar para a compreensão do conceito de gênero e suas interseções com a educação e a pobreza, bem como sua aplicação prática em projetos que efetivamente incorporem esta perspectiva, contribuindo para maior justiça social e de gênero. Na conferência de abertura, com Sônia Alvarez; nas mesas de experiências e no painel com Marcelo Paixão; em todos esses momentos ficou evidente que a questão de raça deve perpassar todo o debate sobre pobreza. A situação mais grave de exclusão social sem dúvida é a de mulheres negras, provando que gênero e raça devem ser levados em conta conjuntamente na discussão ampla sobre desigualdades sociais. Um dos desdobramentos mais importantes do seminário foi a criação do grupo de trabalho *Gênero, Raça e Geração de Renda*, composto por diversas entidades presentes no seminário (leia mais no box da pag. 2).

No intuito de continuar o debate sobre raça e gênero, o Fazendo Gênero nº 12 entrevista Sônia Cleide Ferreira da Silva, integrante do Grupo de Mulheres Negras Malunga. Entre 31 de agosto e 7 de setembro, Sônia esteve na III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, representando a Articulação de Mulheres Negras Brasileiras. Lá ela teve a chance de participar e contribuir com os debates sobre cotas, sobre formas de reparação, sobre políticas públicas. Mas a sua participação foi profundamente marcada pelo debate sobre a questão da mulher no tema amplo do racismo, e o encontro com mulheres do movimento de base de Durban. A seguir a entrevista que ela concedeu ao FG, comentando sua participação na conferência, e especialmente seu encontro com a luta local das mulheres de Durban.

Fazendo Gênero: Qual a sua visão geral da III Conferência Mundial contra o Racismo?

Sônia Cleide Ferreira da Silva: O principal da conferência, para mim, foi o fato de eu ter aprendido muito, porque cada dia era uma coisa diferente. A cada momento mudavam as coisas. Nos três primeiros dias fiquei querendo estar em tudo e não conseguia. Daí comecei a falar: hoje eu vou para o grupo de cálculos de mulheres e prio-

união. Foi nessa conferência que eu mais senti que nós mulheres negras estávamos unidas; a gente estava ali defendendo uma bandeira única. Então, para isso a conferência foi muito boa. Eu voltei totalmente inovada, com muito entusiasmo. À noite, eu sempre desejava que mais três do meu grupo estivessem ali. Realmente eu tinha um medo enorme de ir, de enfrentar. Aquele medo foi bom, porque eu aprendi muito. Comecei a fazer uma análise comigo: todo mundo tem seu tempo e sua hora. Essa conferência me mostrou isso: não dava para a gente passar uma coisa hoje; amanhã a gente vai batalhar para passar. A gente ganhava uma coisa hoje e perdia outra no outro dia; outro dia a gente tentava ganhar uma outra questão. A questão da reparação foi uma briga desde o início. Um dia aparecia no plenário, outro dia um país tirava. Então você tinha que aprender a como lidar com essas coisas. Essas negociações vão modulando a conferência. Eu nunca pensei que eu ia chegar aonde eu estava, nunca pensei que tinha tanta coragem de enfrentar, de ir, tentar falar uma língua que eu não sabia. A união mesmo com a comitiva oficial do Brasil foi muito grande; eles pararam para conversar, e parecia que a gente se conhecia há muito tempo. Mesmo os outros companheiros de outras entidades tiveram um respeito por nós, porque a dificuldade de estar engolindo a AMB (Articulação Brasileira de Mulheres) é muito grande.



Sônia, ao centro, na passeata da comitiva brasileira em Durban durante a Conferência

rizei só os cálculos de mulheres. E lá dentro a gente fez uma aliança estratégica da articulação de mulheres negras e a gente já tinha a nossa bandeira de defender a questão de gênero. E cada dia que saía algo, que não saía tudo que a gente queria, era aquela luta. Foi muito difícil para mim por eu não saber falar o inglês. Mas do quinto dia em diante eu já estava entendendo o espanhol. Eu pegava os papéis para saber o que estava acontecendo: "olha, isso aqui faltou"; dava um toque. Foi muito bom porque nesse momento nós, mulheres da articulação brasileira de mulheres negras, tivemos aquela

a gente fez uma aliança estratégica da articulação de mulheres negras e a gente já tinha a nossa bandeira de defender a questão de gênero.

Foi em setembro de 2000 que a gente se organizou enquanto rede de mulheres negras, para ir para a África do Sul. A gente sentia que nós, en-

SÔNIA CLEIDE FERREIRA DA SILVA

quanto mulheres negras, não estávamos tendo tanto; se a gente não se unisse, não íamos conseguir nada. Essa união foi muito boa porque uma foi crescendo com a outra. Quando você está numa dimensão de uma conferência, você se sobressai, você deita pensando numa coisa e levanta com tudo selecionado: "vamos embora, temos que chegar lá às 8h". Eu sempre chegava primeiro, porque nós brasileiras tínhamos que ter a senha todos os dias para entrar no [espaço] oficial, e eu vim embora com a maior honra pois eu consegui todas as senhas. Eu queria sempre estar indo em cada cálculo, olhando as reuniões dos afro-africanos, que para mim foi muito interessante porque mostrou a diversidade, ao mesmo tempo em que no fundo somos todos iguais. Eu não valorizava a base que eu tenho, mas me ajudou tanto: as companheiras diziam "e agora, como que a gente vai fazer com isso que não passou?"; e eu respondia "lá em Goiânia a gente trabalha assim, então vamos por isso no papel, quem sabe com esta palavra passa...". Isso ajudou muito. Eu me senti muito feliz porque pude contribuir com alguma coisa. Nem tudo foi agradável, mas eu tive que tomar decisões, manter minhas decisões. Nessa conferência eu reparei: "Sônia, você mudou, você está numa outra etapa de vida". Teve um dia que foi muito bom: foi em setembro, depois da passeata, eu estava passando mal de tanta emoção; então eu cheguei no lugar onde me hospedava, fiquei olhando no espelho e dizendo "será que sou eu?". Eu vi e falei para mim mesma, até anotei em minha agenda: "Sônia, é outra vida, a coisa virou e eu ainda não tinha parado para pensar. Olha, Sônia, é outra vida, de agora em diante estão começando outras batalhas em que você tem que estar".

FG: Fale sobre seus contatos com as mulheres que moravam em Durban.

Sônia: No quarto dia da conferência, eu conheci a Joana, uma moçambicana que estava trabalhando na conferência. Ela tomava conta de um banheiro. Um dia nós estávamos conversando e ela falou: "Que bom que vocês falam português". Foi a primeira vez que uma pessoa falou em português com a gente. A Joana começou a contar da angústia dela: ela estava trabalhando ali mas tinha que falar em inglês, porque ela não podia se identificar enquanto moçambicana. Ela começou a contar a história dela, que ela tinha vindo do Moçambique fugida, trouxe todas as filhas e tinha muito tempo que ela não conseguia um trabalho fixo. Para essa conferência, eles contrataram muita

Sônia Cleide



Soninha e Joana

gente, contrataram moçambicanas. Ela também reclamava que não tinha mulheres da base na conferência, e por isso essas mulheres do movimento popular estavam se organizando para fazer um protesto lá na porta [da conferência]. Ela contou o caso da filha dela, que faz parte de um grupo organizado de prostitutas. A filha trabalhou como prostituta em Joanesburgo porque era o único trabalho que ela conseguiu. Então ela falou para mim: "Olha, no dia quatro [de setembro], a gente está pensando em estar reunindo o grupo lá na porta; vamos de madrugada para protestar por não ter a condição de participar. A inscrição é muito cara, nós não somos ongs, e eles não se interessam nem procuram as mulheres de base".

FG: Como é o movimento destas mulheres que você conheceu em Durban?

Sônia: Lá onde a Joana mora, um setor chamado Montevio [na periferia de Durban], as mulheres começaram a se reunir porque tem muito assassinato; os filhos são mortos. A Joana já perdeu três filhos. No setor tem muita ganguê.

Então as mães que já perderam esses filhos começaram a se reunir para consolar uma a outra; e as prostitutas que pegam AIDS começaram se reunir para conversar e ver como é. Não se fornecem camisinhas, não dão muita atenção para isso. Inclusive na conferência teve muita distribuição de camisinha, mas foi só naquele momento porque a cidade mudou todinha para a conferência. Elas ainda

estão precisando muito de ajuda. Aqui no Brasil a gente vê a articulação de mulheres: eu sou de um grupo, a outra é de outro grupo de outro estado; e elas acharam isso bárbaro. Então decidimos estar juntas com elas. Eu me envolvi, passei dois dias e para mim foi uma vivência muito grande; elas são lutadoras, mas não têm os cursos que nós temos. O pouco que tive tentei passar para elas, para que elas procurassem os direitos delas. Elas estão lutando, são mulheres fortíssimas que têm coragem de enfrentar.

FG: Como foi o protesto delas na conferência? Como elas se organizaram?

Sônia: Elas ficaram na porta da tenda das ongs durante três horas, cantando "liberdade". Elas queriam ter direito de estar participando, de entrar, apesar de que este manifesto aconteceu um

dia antes de terminar. Até que a comissão organizadora se reuniu e achou por bem abrir o portão. Muitas pessoas de dentro das tendas, nós mesmas latino-americanas, fomos para a porta para estar reivindicando. Tinha a tenda da plenária principal que era três horas da tarde, e tinha sido organizado para essa hora entrar, invadir essa plenária para elas terem o direito à fala. Conseguimos: todo mundo acompanhou, abriu o portão. Foi lindo a entrada! Tinha mais ou menos umas duzentas mulheres, seus filhos, as soropositivas querendo que o governo as ajudasse na questão da saúde. As mulheres lá não têm saúde; os hospitais públicos não funcionam iguais aos daqui; as mães ganham neném em casa. É uma realidade que a gente nunca pensaria e que acontece. Elas conseguiram entrar, umas pegaram os microfones, outras não conseguiram falar. As que pegaram os microfones começaram a chorar, outras gritavam, pulavam, cantavam expressando amarguras, sentimentos. Mas as poucas que falaram, falaram da questão do direito à saúde, à moradia porque onde elas moram não tem água, luz e esgoto; não tem nada disso. Elas têm que andar muito longe para pegar água.

FG: Você chegou a visitar a Joana na casa dela?

Sônia: Eu cheguei a ir à casa da Joana. A gente foi num domingo. Para mim foi muito chocante! Cheguei, desci do ônibus, a gente começou a andar, entrar... Não parece uma coisa de outro mundo, é igual a uma favela do Rio. Mas quando você começa a entrar, você chega à casa da pessoa, senta e começa a conversar, é diferente. As filhas dela são muito bonitas. Uma delas estava grávida, não sabia quem era o pai e era soropositiva. E ela falava assim: "Eu preciso ganhar dinheiro". Ela trabalha na prostituição. O sonho dela é vir para o Brasil. Ela achava que o Brasil poderia resolver tudo. Eu falei para a Joana: "O Brasil também está na mesma situação, só que as favelas do Rio estão mais adiantadas. Eles não passam isso na televisão, só mostram as coisas boas, bonitas... Mas o nosso povo está sofrendo, morrendo; ainda está escravizado, são todos oprimidos. Existem realmente os negros bem sucedidos, mas existem muitos negros em situação precária".

¹Em Moçambique, fala-se Português.

Eu me envolvi, passei dois dias e para mim foi uma vivência muito grande [...] Elas [as mulheres de base de Durban] estão lutando, são mulheres fortíssimas que têm coragem de enfrentar.

GÊNERO, RAÇA E GERAÇÃO DE RENDA

Este é o nome do Grupo de Trabalho (GT) originado durante o Seminário *Gênero, Educação e Pobreza*, realizado pelo Grupo Transas do Corpo em agosto passado. Através da articulação de pessoas e instituições envolvidas com a questão de gênero, raça e geração de renda, foi possível montar um stand na Feira dos Povos do Cerrado, realizada no mês de outubro. No stand, foram divulgados materiais educativos dos grupos, realizadas oficinas e apresentados produtos, alguns dos quais comercializados. O GT preparou uma ficha de cadastramento das experiências presentes com vistas a um diagnóstico da região Centro Oeste nesta área temática. O GT tem por objetivo trocar e fortalecer experiências voltadas para o enfrentamento da pobreza com enfoque de gênero e raça, combate às desigualdades sociais, viabilização do acesso à capacitação e ao direito ao trabalho, além do aumento da renda familiar.

Fazem parte deste GT o Grupo Transas do Corpo, o Grupo de Mulheres Negras Malunga, o IFAS, a Pastoral da Mulher, o Centro Cultural Quilombo e o CONEM.



Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Rua: 137 com Av. 85, nº 556, Ed. da Moda, sala 301, St. Marista, Goiânia-GO/Brasil.
74.170-120. Fone: 55 (62) 241-9257 / 241-9617.
transas@transasdocorpo.com.br

www.transasdocorpo.com.br

Coordenação Executiva:

Eliane Gonçalves - Mestre em Educação e Especialista em Saúde Pública

Gelva M. M. Costa - Assistente Social

Joana Plaza Pinto - Mestre em Linguística

Kemle Semerene Costa - Nutricionista e Especialista em Saúde Pública

Lenise Santana Borges - Mestre em Mulher e Desenvolvimento, Psicóloga e Especialista em Saúde Pública

Rurany Ester Silva - Assistente Social e Especialista em Saúde Pública

Conselho Diretor:

Ana Maria Costa

Joselene Vieira dos Santos

Maria Cláudia H. da Silva e Souza

Kátia Karam Toralles (suplente)

Conselho Consultivo:

Eleuse de Brito Guimarães

Lívia Martins Carneiro

Solange Rocha

Maria Luiza Moura (suplente)

Conselho Fiscal:

Ana Maria de Oliveira

Eleny Xavier Marinho

Márcio André Martins dos Santos

Regina Rodrigues de Moraes (suplente)

Equipe

Técnico-Administrativa:
Administrativo e Financeiro:
Maria Cristina de Oliveira

Auxiliar Administrativo:
Fábio Freire Felipe

Biblioteconomia:
Cida Rodrigues

Assistente técnica:
Andréia de Paula Silva

Secretaria:
Lígia Azevedo

Apoio:

Fundação MacArthur

Fundação Ford

International Women's Health Coalition

Editoria: Eliane Gonçalves e Joana Plaza Pinto

Redação: Eliane Gonçalves, Gelva M. M. Costa, Joana Plaza Pinto, Kemle Semerene Costa.

Revisão: Joana Plaza Pinto

Editoração: Carla de Abreu (223-0566)

As opiniões presentes nas entrevistas ou nos artigos publicados são de responsabilidade de suas autoras e autores.

Anemia falciforme no teste do pezinho

Uma conquista do movimento de mulheres negras

pp Transas do Corpo
 Registro: 1223
 08 / 03 / 04
 produção

Há muito o movimento de mulheres negras vem reivindicando maior atenção às questões relacionadas à saúde, em função de suas especificidades. A anemia falciforme representa uma das maiores preocupações, pois é uma doença sobre a qual os dados empíricos são suficientes para demonstrar o recorte racial/étnico relativo à população negra.

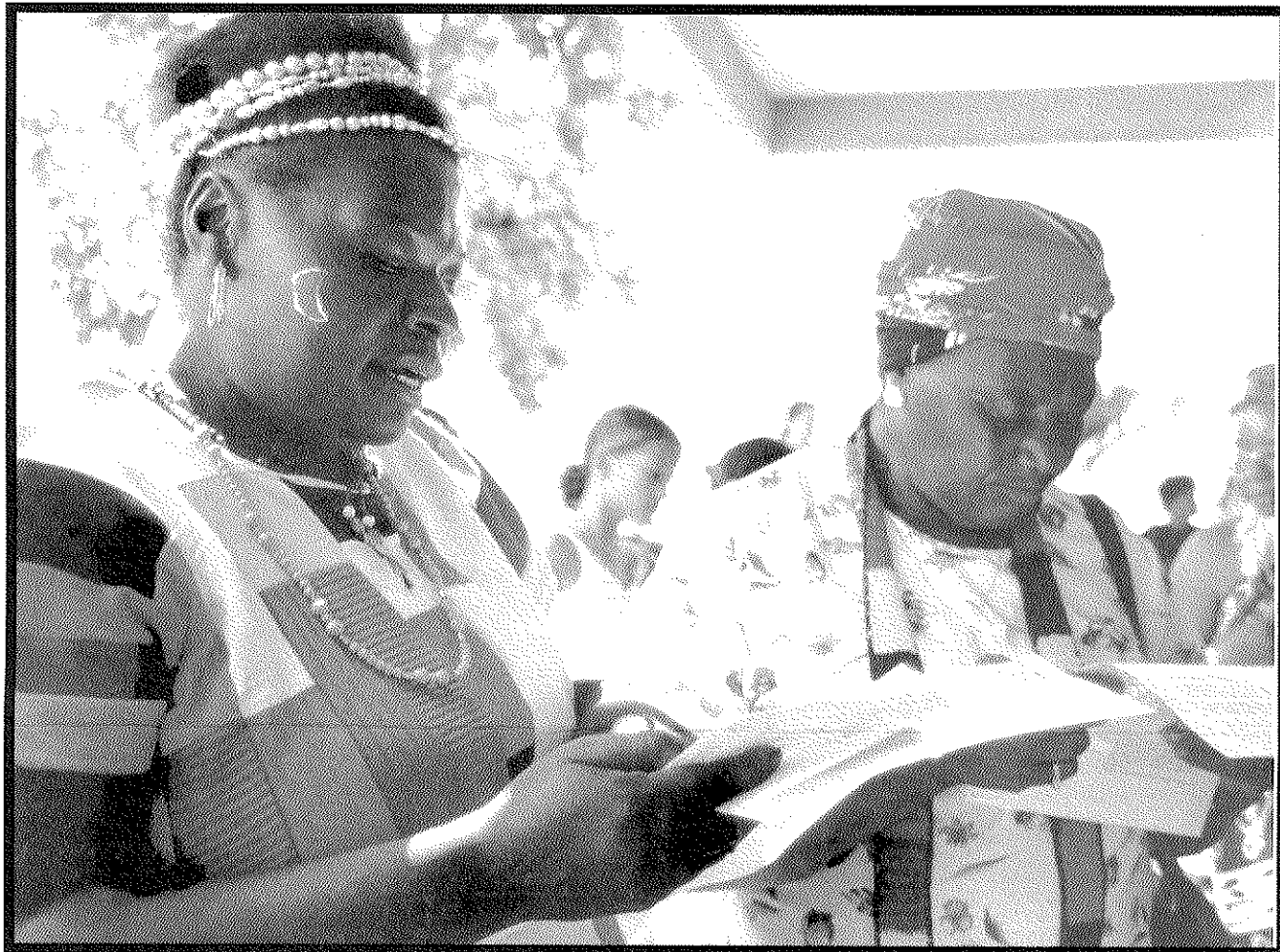
Originária da África, a anemia falciforme é considerada uma forma de anemia hereditária que constitui a doença genética mais comum da população negra em todo o mundo, o que não significa que apenas negros estejam predispostos a tê-la. Qualquer pessoa com ascendência africana pode ser portadora dos genes da anemia falciforme que classifica-se, conforme o foco original, nos seguintes tipos: Senegal (de média gravidade), Benin (de pouca gravidade), Banto (o tipo mais grave), Camarões e Árabe-indiano (de forma clínica benigna). No Brasil, predomina a anemia falciforme do tipo Banto, o mais grave.

Essa doença afeta os glóbulos vermelhos do sangue que tornam-se parecidos com uma meia-lua ou foice (daí o nome 'falciforme') e sobrevivem apenas de 15 a 20 dias, enquanto que o normal são 120 dias. Portanto, esta não é uma anemia comum causada por falta de determinados nutrientes.

Dentre os seus variados sintomas, chama atenção a anemia hemolítica crônica, desencadeada pelas freqüentes crises de falcização, causada pela agregação de células falciformes, levando assim à obstrução dos vasos, provocando crises de dor em diferentes regiões do corpo, especialmente nos ossos, baço e pulmões. Do ponto de vista da saúde reprodutiva, há uma série de repercussões da anemia falciforme para uma mulher falcêmica na adolescência ou idade adulta que venha a engravidar. Ocorrem maiores riscos de abortamento e de complicações no parto, além do índice de natimortos, nesse caso, ser mais alto.

De acordo com estimativas da Organização Mundial de Saúde, nascem no Brasil cerca de 2.500 crianças falcêmicas/ano, ou seja, 1 em cada 1.000 nascidos vivos. Em

Marina Morcira



cada 1.000 nascidos vivos, 30 são portadores do traço falcêmico (um gene para a anemia falciforme). A mortalidade é bastante alta no Brasil, em função da inexistência de políticas públicas que considerem as especificidades desta população.

Tendo em vista a gravidade da situação, o governo federal, mobilizado pela pressão da sociedade civil, criou, em 1996, o Grupo de Trabalho Interministerial pela Valorização da População Negra que, entre outras propostas de ação, elaborou o Programa de Anemia Falciforme do Ministério da Saúde. Dentre outros pontos importantes, esse programa estabelece: a oferta do diagnóstico neonatal a todas as crianças nascidas em hospitais e a busca ativa de pessoas acometidas pela doença; a promoção da entrada no programa de pessoas diagnosticadas e que venham a ser diagnosticadas; a ampliação do acesso aos serviços de diagnóstico e tratamento de boa qualidade; o estímulo e o apoio às associações de falcêmicos e às instituições de pesquisa; a

capacitação de recursos humanos e a implementação de ações educativas sobre questões referentes à bioética, para a realização do teste de anemia falciforme, somente após consentimento livre e esclarecido.

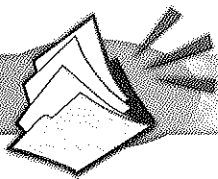
Devido ao fato do Ministério da Saúde não destinar recursos para a implantação de tal programa, suas recomendações praticamente não saíram do papel, uma vez que é de responsabilidade dos estados e municípios a sua concretização. No entanto, em 6 de junho de 2001, através da portaria 822, o Ministério da Saúde criou o Programa Nacional de Triagem Neonatal (PNTN), que se ocupará da triagem com detecção dos casos suspeitos, confirmação diagnóstica, acompanhamento e tratamento dos casos identificados através do Teste do Pezinho para as seguintes doenças congênitas: fenilcetonúria; hipotireoidismo congênito; doenças falciformes e outras hemoglobinopatias; hiperplasia adrenal congênita.

Com o objetivo de reduzir a morbimortalidade e aumentar a

possibilidade de bem estar das pessoas com doenças falciformes, a Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia vem se preparando para a implantação desta e das demais ações que constituem as diretrizes do programa de anemia falciforme do governo federal através de uma comissão interdisciplinar. Este fato significa conquista para o movimento de mulheres negras, que há muito demanda por tais determinações. É de fundamental importância que este processo aconteça numa perspectiva de gênero, raça e etnia, favorecendo, assim, a garantia dos princípios da integralidade e da equidade na assistência à saúde da população afro-descendente, em especial das mulheres.

Bibliografia consultada:
 • Jornal da RedeSaúde, n. 22 (nov/2000) e 23 (março/2001).
 • Anemia falciforme: a cura começa com informação (Jornal da RITS, de 19/10/01).
 • Proposta para implantação do Programa de Anemia Falciforme da Secretaria de Saúde do Município de Goiânia.
 • FAMERP (Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto): Manual de Informações sobre doenças falciformes. MedPress: Revista Médica Virtual, dezembro/1999.
<http://www.medpress.med.br/art/manual.htm>.

pp306
 FAZ
 n.12



Gênero e Família

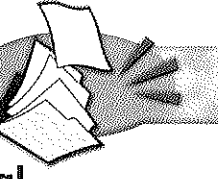
O Grupo Transas do Corpo passou a integrar, desde agosto de 2001, a pesquisa "Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais", coordenada pelo Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil (CEPAJ/UCG) e pela Coordenação de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CESPI/USU). Essa integração deu-se através do projeto temático "Gênero e Família – relações de gênero em famílias goianienses", que tem por objetivo analisar o tema do lazer nas estruturas de funcionamento de famílias de Goiânia, procurando compreender o processo de construção das desigualdades de gênero.

Gênero e Sexualidade no Cidadão 2000

Com o objetivo principal de melhor capacitar as equipes profissionais que atuam em suas unidades de atendimento, a Sociedade Cidadão 2000 está promovendo, através da sua Coordenação Técnico-pedagógica, o Curso de Teorias e Práticas Educativas em Gênero e Sexualidades, cuja coordenação e monitoria estão sob a responsabilidade do Grupo Transas do Corpo. O primeiro módulo aconteceu entre 24 e 28/09/01; o segundo entre 22 e 29/10/01 e o terceiro módulo será realizado no período de 19 a 23/11/01.

Violência sexual é o próximo tema da Campanha pela qualidade de vida das mulheres

25 de novembro – Dia Latino-americano de Luta pela Não Violência contra a Mulher. Esta data faz parte da Campanha pela Melhoria da Qualidade de Vida das Mulheres, desenvolvida pelo Grupo Transas do Corpo desde maio deste ano. Como estratégia para esse novo momento da campanha, serão lançadas mensagens contra a violência sexual. O slogan será "Violência sexual: quando você se cala, sua consciência grita". O slogan aparecerá em *busdoor* e *spot* de rádio. A temática escolhida faz parte de uma campanha maior desenvolvida pela Rede Latino-americana de Saúde da Mulher, e que está acontecendo na América Latina com o slogan "Violência sexual – reconhecê-la para preveni-la; denunciá-la para detê-la". O objetivo é que a violência sexual, que está presente na vida de muitas mulheres, torne-se mais visível, possibilitando que as mesmas saibam que não estão sozinhas e que têm direitos que devem ser assegurados.



Gênero e Inclusão Digital

Aconteceu no Rio de Janeiro, de 7 a 9 de agosto de 2001, encontro para discutir a participação da mulher na Sociedade da Informação. A oficina sobre gênero e inclusão digital contou com participantes de cinco regiões do Brasil e também foi aberta à participação à distância, via Internet ao vivo. Goiás esteve presente com a participação da jovem Andréia, assistente técnica do Grupo Transas do Corpo. A oficina terminou com diversas propostas, entre elas uma nova agenda para a participação da mulher na Sociedade da Informação. Confira o que rolou no site www.fes.org.br/genero.

Foto retirada do site: www.fes.org.br/genero



Andréia, a quinta da direita para a esquerda

Fórum Goiano de Mulheres promove debate sobre aborto

O 28 de setembro (Dia Latino-americano pela Descriminalização do Aborto) foi comemorado em Goiânia com uma exposição sobre o tema, com o objetivo de sensibilizar as participantes do Fórum Goiano de Mulheres e seus parceiros. O evento aconteceu dia 5 de outubro, às 19h, no auditório da CUT. A expositora convidada, Maria Izabel Baltar, é secretária executiva da Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos (RedeSaúde). O evento foi realizado pelo Fórum Goiano de Mulheres com apoio da RedeSaúde. Compareceram ao debate cerca de 40 pessoas representantes de entidades.

Fortalecendo redes de saber e solidariedade:

Trabalho voluntário no Grupo Transas do Corpo

Já há algum tempo, o Grupo Transas do Corpo vem incorporando ao seu projeto institucional um programa de voluntariado. O programa inclui bolsistas, estagiários/as e pessoas que desejam dar algumas horas do seu dia ou semana para realizar trabalhos sem vínculo institucional.

De acordo com a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança: "o voluntário, como ator social e agente de transformação, presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando seu tempo e seus conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto a necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político, ou emocional".

No ano do voluntariado, o Grupo Transas do Corpo contou com o trabalho de nove voluntários/as. Cinco destas voluntárias expressam a seguir suas opiniões e sentimentos acerca da experiência:

Ser voluntária é uma experiência de estar unindo e somando forças para um mundo melhor, onde há maior gratificação com o resultado do trabalho e enriquecimento pessoal.

Silvânia C. Dias Amaral, estudante de Administração e Marketing/Cambury.

Arquivo Grupo Transas do Corpo - CEI



Alto, da esquerda para a direita: Lenise (coordenadora do programa de voluntariado), Ana Paula, Silvânia, Lillian e Denise (voluntárias). Baixo: Cida (bibliotecária do GTC) à esquerda, e Elaine (voluntária) à direita.

A experiência de voluntariado para mim foi realmente gratificante. Acredito na proposta do Grupo Transas do Corpo e reconheço que antes desse contato eu tinha pouquíssima informação sobre o trabalho do movimento feminista, da questão de gênero. Meu trabalho aqui envolveu processamento de informação que me trouxe um aprofundamento no conhecimento das técnicas de processamento (serviço da biblioteca do CEI). Foi lindo!

Lillian C. de Pádua, estudante de Biblioteconomia/UFG.

Poder estar no Grupo Transas do Corpo contribuindo, de uma forma ou de outra, é uma experiência bastante gratificante, pois o objetivo principal é a integração da sociedade, resgatando a igualdade, um direito de todos nós. É uma experiência sensacional pois percebo que ainda existem pessoas que dedicam a vida em prol da sociedade.

Denise Alexandrino Silva Machado, estudante de Administração de Produção/ALFA.

Não é só pelo fato de ser mulher, mas para mim é gratificante poder contribuir com uma organização que tem como missão a igualdade social.

Ana Paula Maluf, estudante de Biblioteconomia/UFG.

A oportunidade de exercer atividades como voluntária é uma forma de auxiliar e trabalhar a favor das entidades que necessitam, e de nos ajudar, uma vez que também adquirimos conhecimentos pessoais e profissionais, ou seja, é uma relação de mão dupla onde se dá e se recebe. Nós deveríamos aproveitar as oportunidades dentro desta perspectiva, não colocando estas "obrigações" como sendo do governo, mas percebendo-as como questões que envolvem o desempenho de nossa cidadania.

Elaine Pereira dos Santos, estudante de Biblioteconomia/UFG.



AGENDA

Novembro

25, Dia Latino-americano de Luta pela Não Violência contra a Mulher.

Dezembro

1º, Dia Mundial de Luta contra a AIDS.